Morte aos teóricos do riso!

Eles são numerosos; os filósofos de café e os pensadores de fim de repasto que, ao mínimo ponto de viragem numa conversa, soltam: «Podemos rir de tudo.» Infelizmente, na maior parte das vezes, esta afirmação, perfeitamente descabida, não termina com um ponto final, mas com uma vírgula: «Podemos rir de tudo, mas...» Desde logo, é insuportável haver um velho fóssil, inchado de presunção, que nos autoriza a rir de tudo. Não preciso do seu favor para rir daquilo que me apetece, mas, além disso, não tem de forçosamente apetecer-me rir de tudo. Rio daquilo que quero, quando quero. Este não só me quer conceder uma liberdade que sou capaz de ter sozinho, como também impõe restrições. Nove em cada dez vezes, o imbecil termina a frase com um «não com qualquer pessoa». O crítico pensa que ele mesmo dá prova de um estonteante humor ao retomar a frase que atribui a Desproges: Podemos rir de tudo, mas não com todos.» O humorista Desproges sofre do mesmo problema que o humorista Jesus. Está morto. Vivos, estes dois pândegos fizeram rir salas inteiras; desaparecidos, uns tristes palermas começaram a repetir sem parar alguns excertos dos seus

sketchs, como se fossem mandamentos divinos. Evidentemente, aquele que «ri de tudo, mas» ri de tudo, exceto das pessoas que têm uma verruga no nariz. É demasiado repugnante rebaixar-se a este género de... de... baixeza! Um rápido olhar vai permitir-lhe perceber que o seu Descartes do humor tem, ele mesmo, uma enorme borbulha no nariz. Se não for esse o caso, vá mais fundo: a mulher dele, o filho ou a mãe ou até o cão devem ter uma verruga na penca. O seu interlocutor terá a mesma reação se, porventura, se rir do cão dele por ter cancro, ser mongol ou socialista. O riso é como o cu, há sempre um autoproclamado padre a tentar impor-lhe os próprios (e limpos) limites. Amor no pipi: mas não nas nádegas.

Creio que estará de acordo, é preciso deixar cair uma bigorna no pé destes teóricos do riso, mas mantenha a sua sisudez. *Ámen*.